

## JUÍZOS FINAIS: A CONCEPÇÃO DA ARTE UMA LEITURA DE IDÉIAS PARA ONDE PASSAR O FIM DO MUNDO\*

---

JOSÉ CARLOS DA COSTA (UFSC/UOP)

---

A concepção do fim do mundo como o fim último do homem é de origem religiosa. A religião concebe a vida humana como um tempo de preparação do homem para uma outra vida. O proclamado e esperado "dia do juízo final" poria fim à vida na terra. Por seu lado, também a ciência prevê a possibilidade de um fim terreno, mas pela depredação humana da natureza advinda da "tempestade do progresso". Desse modo, ciência e religião unem-se em diagnosticar o fim último do homem e das coisas que o cercam.

Estaria o homem condenado à extinção? Somente a arte tem revelado a ousadia de acreditar numa continuidade. Isso tem sido possível por conceber os fins como passagens. De uma estação a outra, de um tempo a outro. Mesmo rompendo com o passado, ou com o presente, a arte guarda consigo a memória de suas realizações na passagem por um determinado momento da história.

O livro de João Almino, **Idéias para Onde Passar o Fim do Mundo**, é uma obra ficcional que resgata, alegoricamente, a trajetória da modernidade no Brasil e não a concebe como

---

\*Trabalho apresentado com requisito parcial de avaliação da disciplina Literatura Contemporânea do Curso de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da UFSC, ministrado pela Dra. Tânia Regina Oliveira Ramos.

o máximo possível de ser atingido, nem como encerrada. Procurando perceber suas realizações e contribuições chega mesmo a "apresentar idéias" para a sua rearticulação, para uma nova passagem. Esta é, em síntese, a trajetória do "herói" Mário. De Machado de Assis (**Memórias Póstumas de Brás Cubas**, 1881). A João Almino (**Idéias para Onde Passar o Fim do Mundo**, 1987); de um "defunto autor" a outro, a memória emerge de uma fotografia, sua testemunha incontestável, e é contada por um narrador supra-habilitado: Mário de Andrade. Podemos ver na fotografia o resgate alegórico da "Semana de Arte Moderna", de fevereiro de 1922. Momento significativo da modernidade no Brasil como evidência de que ela existe de fato, embora não seja "una" nos seus princípios, nem nos seus desejos.

João Almino recupera o antes e o depois da "Semana". Repensa o projeto de modernidade e a situa como uma passagem, um momento relevante na história da arte e da literatura brasileiras.

### 'O Reorquestramento da Rapsódia

A construção de **Idéias para Onde Passar o Fim do Mundo** se faz pela articulação alegórica de um conjunto de textos que são representativos da ficção e da poesia produzidas dentro do contexto da modernidade que se desenvolve, no Brasil, a partir da segunda metade do século XIX.

Desse conjunto destacamos alguns que são fundamentais para o processo de construção adotado por João Almino:

1. MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS, 1881; Machado de Assis.

Machado de Assis, com esse romance, rompe com a tradição de herói épico sério, com a narrativa linear e previsível e instaura, na leitura brasileira, um modo novo de narrar: o ponto de vista do narrador distanciado que vê "do alto"<sup>1</sup>.

A narrativa de João Almino se vale de estratégia semelhante, na medida que o narrador é também um narrador

morto. Embora recuse o pessimismo machadiano, o narrador assume também o ponto de vista do narrador distanciado, do "defunto autor":

Não me chamo Brás Cubas. Não escrevi minhas memórias. Nem dedico meu roteiro de cinema ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver. (IPOPFM, p.13/14)

Para continuar a história, já como fantasma, acabo de sair de um buraco negro, corpo denso sobre o qual gravitou minha luz. (IPOPFM, p.28)

A dedicatória de Brás Cubas:

Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver, dedico como saudosa lembrança estas memórias póstumas. (MPBC, p.11)

A decisão do ponto de vista:

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a cama foi outro berço;... (MPBC, p.13)

Fato novo na narração é a presença de um co-narrador: Silvinha. Responsável pela primeira versão da história, ao contar a Mário o que sabe sobre as pessoas da foto que dá origem à narrativa, Silvinha atua como mediadora entre o real e o ficcional, entre os fatos a serem narrados e a articulação que Mário faz deles. É ainda Silvinha que preserva, até onde a narração permite, o verossímil. Narra a trajetória de Mário porque também ele é parte resgatada da modernidade e está impossibilitado de narrar sua própria história, pois não está presente na foto.

De mediadora a narradora Silvinha, no final, funde sua voz com a de Mário. Sinal de que pensa como ele ou, pelo menos, acredita na mesma passagem.

2. MACUNAÍMA O HERÓI SEM NENHUM CARÁTER, 1928; Mário de Andrade.

O livro de Mário de Andrade, quando lançado, despertou polêmicas e, mesmo para o seu autor: indecisões. Seria um Romance? Apenas um conjunto de contos agrupados no mesmo livro? Mário, no início, referia-se a ele apenas como "livro". A matéria narrada é constituída por um conjunto de lendas e casos populares organizados linearmente em torno de um único centro: Macunaíma. A designação do tipo de obra acabou por vir da tradição grega: Rapsódia, conjunto de poemas épicos e casos populares cantados pelo "rapsodo".

Em **Idéias para Onde Passar o Fim do Mundo** o narrador projeta a obra como o "roteiro cinematográfico" de um filme que deve contar uma "história real". Entretanto, as marcas que revelariam um roteiro cinematográfico surgem no início e, em seguida, desaparecem quase por completo do interior da narrativa. O que fica é o tratamento de cada capítulo com a unicidade dramática do conto. Na medida que cada um recupera a história de um expoente (autor/obra) da modernidade e o narrador, sob forma de "espírito encarnado", presentifica-se em todos interligando-os com a sua presença, o resultado é o mesmo da rapsódia.

Há ainda outros fatores que confirmam o resgate da forma de narrar utilizada por Mário de Andrade em Macunaíma.

No início da narração está um menino de seis anos:

Tenho seis anos, minha mãe me prometeu chocolate e coca-cola se eu escrever uma frase ao lado de cada figurinha. (IPOPFM, p.11)

Que está na razão direta do outro menino de seis anos:

Nem bem teve seis anos deram água num chocalho pra ele e Macunaíma principiou falando como todos. (MACUNAÍMA, p.9)

A "Caverna do Alemão" em IPOPFM pode ser uma referência direta a Mário de Andrade, ou a Macunaíma:

Dizem que o professor naturalmente alemão andou falando por aí por causa da perna só da Ursa Maior que ela é o saci... Não é não (...). A Ursa Maior é Macunaíma. (MACUNAÍMA, p.133)

Poderia ainda ser uma referência ao naturalista alemão KOCH-GRUNBERG de quem Mário toma idéias para o seu livro.

Há também a referência ao papagaio que, em Macunaíma, contou ao narrador os "feitos do herói":

E só o papagaio no silêncio do Uraricoera preservou do esquecimento os casos e a fala desaparecida. (MACUNAÍMA, p.135)

Tudo ele (o papagaio) contou pro homem e depois abriu asa rumo de Lisboa. (MACUNAÍMA, p.135)

#### O resgate em **Idéias para Onde Passar o Fim do Mundo:**

Ali certo dia pousou uma velha arara azul, destas que habitam o planalto central desde antes da chegada dos portugueses. E saiu pela cidade, fim de tarde, anunciando as grandes mudanças. (IPOPFFM, p.19)

O papagaio metafísico ouviu o galo cantar não sabia onde e se pronunciou pela segunda vez neste livro: 'Neste final a que você chega... zoeira! esculhambação total'. (IPOPFFM, p.175)

Os outros textos resgatados vão constituir a matéria narrada. Os casos narrados pelo "defunto autor". Recupéramos aqui somente os que têm presença mais significativa na obra de João Almino.

1. Raquel de Queiroz, autora da "segunda geração modernista" que inicia sua obra pela publicação do romance O QUINZE (1930).

O **Quinze** conta a história de retirantes nordestinos tangidos do sertão pela grande seca de 1915. A presença de Raquel e sua obra é evidenciada pela personagem Berenice que tem uma trajetória de retirante e que é contada no ca-

pítulo **Uma Origem das Origens**. As referências são bastante claras:

Você não imagina que ainda existam romances regionais. A seca, terrível seca. (IPOPFM, p.34)

O pior mesmo, que você ainda ignora, era o coração de Berenice, secando como o sertão. (IPOPFM, p.35)

Duas outras personagens são parte de um resgate maior do regionalismo modernista (geração de 30) e que também reforçam a presença de Raquel de Queiroz na personagem Berenice.

A primeira é uma referência rápida, mas significativa de José Lins do Rego, escritor também conhecido pela força de sua obra regionalista:

Ela se perdera uma vez, aos quatro anos de idade, na praça vazia de Ipiranga, aquela mesma onde os barulhos da multidão que a sufocava se misturavam com os discursos e música dos alto-falantes de uma campanha para prefeito ou com os sermões do **padre Lins**. (IPOPFM, p.47)

... onde o **padre Lins** rezava a missa de todo dia. (IPOPFM, p.64)

Não se trata de sugerir uma influência de José Lins, como pode parecer, mas constatar sua presença no mesmo contexto de Raquel de Queiroz.

A segunda personagem é "Zé Maria" que pela militância política pode representar o escritor Jorge Amado e sua produção dos anos 30.

Zé Maria não devia ficar contando pra ela seus segredos, seus planos contra o governo de Paulo Antonio, falando sobre amigos que planejavam atentados. (IPOPFM, p.40)

E ele tinha lhe explicado que era idealista, lutava pelo que fosse melhor para o Brasil. (IPOPFM, p.41)

Será que Zé Maria tinha se metido com os comunistas. (IPOPFM, p.44)

2. Graciliano Ramos, autor de destaque da "geração de 30", sobretudo pela obra **SÃO BERNARDO** (1934) e que no resgate da modernidade brasileira não poderia ficar de fora. A obra de Graciliano Ramos, de **CAETÉS** (1933) a **MEMÓRIAS DO CÁRCERE** (1953), constitui um avanço significativo da consciência estética moderna no Brasil.

O Livro de João Almino resgata principalmente **São Bernardo** ao constituir a narrativa com duas personagens, Madalena e Paulo Antonio, e estabelecer para eles uma relação semelhante a de Madalena e Paulo Honório, personagens do romance de Graciliano Ramos.

O capítulo **Poema do Adeus**, que trata de Madalena e Paulo Antonio, tem uma referência bastante direta:

No final da Tarde, quando saíra (Madalena) para o encontro combinado, ouvira o grito do pavão. Pensou logo no pio da coruja de **São Bernardo** anunciando uma desintegração... (IPOPFM, p.87)

3. Clarice Lispector tem sua obra dentro do contexto da "geração de 45". Suas personagens são marcadas pela introspecção e pela angústia interior. Aqui Clarice é entrevistada no **Capítulo Gratuito ou Pura Pornografia**, principalmente pelo primeiro romance que publicou: **PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM** (1944).

A personagem Tita Rodrigues é apresentada com muito da angústia pela qual passa Joana, personagem do romance de Clarice Lispector.

O pedido que Tita faz ao narrador a confirma como a recuperação de Joana:

... pedia por favor que incluísse sua interessantíssima ponta com CADU e a pintasse personagem terrível,... (IPOPFM, p.75)

Veja-se o sentimento de Joana no final de **Perto do Coração Selvagem**:

Serei Brutal e malfeita como uma pedra, (...) que tudo venha e caia sobre mim. (PCS. p.216)

O narrador "descuidado" ou pouco preocupado com a identificação de Joana por duas vezes, na mesma página, a revela, embora afirme o contrário:

Cumpri minha palavra, começando por cognominá-la Tita Rodrigues. (IPOPFM, p.76)

Mas, como diria Mário de Andrade, é "muito difícil nesta prosa saber onde termina a **blague**, onde principia a seriedade"<sup>2</sup>. O **Capítulo Gratuito ou Pura Fantasia** inicia com uma referência a "técnica romanesca oswaldiana" (p.75) o que pode permitir ainda uma leitura com vistas sobre a obra de Oswald de Andrade, sobretudo pelo que tem de irreverente e mesmo a irreverência de sua vida pessoal.

Tratando de Joana a conclusão incorpora uma "avaliação" que está mais próxima de Oswald de Andrade que de Clarice Lispector:

... o futuro de Joana não importa. Agora o que vale é o incidente de um tempo de experimentação. (IPOPFM, p.76)

4. Guimarães Rosa, sua presença entre aqueles que fizeram a modernidade tem lugar de destaque que sua obra requer. Com sua linguagem mitopoética, Guimarães Rosa renovou a narrativa modernista e ampliou a perspectiva da modernidade no Brasil. João Almino recupera sua obra fundamental: **GRANDE SERTÃO: VEREDAS** (1956). Ali a personagem "compadre Quelemém" é o contraponto da voz de "Riobaldo". Sua invocação constante, por "Riobaldo narrador", tem sempre o valor de voz de autoridade.

Em **Idéias para Onde Passar o Fim do Mundo**, a personagem Íris Quelemém desenvolve uma trajetória semelhante a do jagunço Riobaldo em busca de uma verdade que o restitua a vida comum, que confirme ou que o liberte do pacto que imagina ter feito com o diabo. Mèdium vidente, Íris prevê que o fim do mundo está próximo e por isso busca a "Caverna do Alemão" que está situada em algum lugar próximo de Brasília pois dali deve surgir a futura Humanidade. A crença numa humanidade futura revela que Íris

concebe o fim não como um ponto final, mas como uma passagem.

O encontro de Íris Quelemém, em suas andanças pelos arredores de Brasília, com a personagem Riobaldo confirma o resgate de **Grande Sertão: Veredas**:

Após um longo caminho solitário, Íris chegou à encruzilhada das Veredas-Mortas, onde encontrou a única alma ainda viva deste sertão, um tal Riobaldo personagem de Grande romance, que lhe prometeu apresentar o diabo em pessoa. (IPOPFM, p.153)

Essa passagem recupera ainda outra muito semelhante de **Grande Sertão: Veredas**. Justamente onde surge Riobaldo referindo-se ao seu compadre Quelemém:

... e um sitiante, no Lambe-Mel explicou - que o trecho, dos Marimbus, aonde íamos, se chamava mais certo não era Veredas-Mortas, mas Veredas-Altas... coisa que compadre meu Quelemém mais tarde me confirmou. (GSV, p.562)

Fundamentalmente a narrativa de João Almino resgata a produção ficcional, mas também a produção poética é resgatada, embora surja "diluída" na narrativa. Alguns exemplos são claros, mesmo quando se trata de pastiche.

1) Manuel Bandeira. O resgate do poema **TREM DE FERRO**:

TREM DE FERRO<sup>3</sup>

.....

Oô...  
Foge, bicho  
Foge, povo  
Passa ponte  
Passa poste  
Passa pasto  
Passa boi  
Passa boiada  
Passa galho  
De ingazeira

.....

(IPOPFM, p.112)  
(Passa o tempo,  
passa a chuva,  
passa o sol  
do meio dia...  
chega a noite  
vai-se o vento  
a soluçar...  
vem a nuvem,  
esconde a lua  
morre o grito  
à madrugada...)

(No livro de João Almino o fragmento  
aparece na forma de prosa.)

2) Carlos Drummond de Andrade. O resgate do poema NO  
MEIO DO CAMINHO:

NO MEIO DO CAMINHO<sup>4</sup>

No meio do caminho tinha uma pedra  
tinha uma pedra no meio do caminho  
tinha uma pedra  
no meio do caminho tinha uma pedra  
.....

IPOPFM, p.115

... havia muitas pedras no meio do caminho e  
no fim do caminho, um porteiro onde se tinha  
que começar tudo de novo.

Tomando-se o nome da personagem CADU como um anagrama podemos encontrar: CA - Carlos DU - Drummond

Uma investigação mais exaustiva poderia ainda revelar outros poetas. Não é o propósito deste estudo esgotar as possibilidades de leitura do texto, mas somente indicar caminhos como estes que estamos fazendo.

O modo como os textos ficcionais e poéticos são articulados, em **Idéias para Onde Passar o Fim do Mundo**, reconstrói a trajetória da modernidade no Brasil pela recuperação fundamental de um deles: **Macunaíma o Herói Sem Nenhum Caráter** (1928), de Mário de Andrade. João Almino toma emprestado a forma rapsódica de que se vale. É o próprio narrador quem dá a pista:

Só a profusão de estilos podia indicar uma época confusa, de mudança, prenúncio de grandes guerras. (IPOPFM, p.17)

Ou em outro momento:

Prefiro uma narração assim em aberto, mas que se pense e se escreva 'como um vasto hieróglifo em movimento, mesmo que seus signos sejam talvez indecifráveis'. (IPOPFM, p.206)

Recuperando de cada obra a sua força no contexto da modernidade João Almino reescreve a trajetória da literatura brasileira nos últimos cem anos. A maneira como fundamenta o seu processo narrativo e na medida que esse processo alegórico o permite o resultado é o "reorquestramento da rapsódia" de Mário de Andrade, é o rapsodo que canta/narra os feitos de muitos "heróis" enquanto ainda se pode ir à fonte e "beber água".

### **Modernidade, Pós-Modernidade**

A obra de João Almino, a princípio inscreve-se no que Silviano Santiago chama de "narrativa que reescreve as tradições de uma comunidade (...) típica do modernismo"<sup>5</sup>. Reescreve, ainda que alegoricamente, a trajetória da modernidade no Brasil, suas tradições e contradições a partir da visão de um de seus principais artífices: Mário de Andrade.

Por outro lado, recuperando a rapsódia como modo de constituir a narrativa e a visão do observador distanciado, acaba compondo um modo próprio de narrar o que também a inscreve na tradição modernista. Fredric Jameson diz que "os grandes modernismos estavam (...) ligados à invenção de um estilo pessoal e privado, tão inconfundível como nos sa impressão digital"<sup>6</sup>. Exageros à parte, é exatamente o que se tem em "**Idéias para Onde Passar o Fim do Mundo**".

Ainda conforme Jameson, a pós-modernidade eleva, como instrumento do seu discurso, o pastiche produzido sobre a arte. "A arte pós-moderna deverá ser a arte sobre a arte de um novo modo"<sup>7</sup>. O que vimos apontando como referência

intertextual de autores e obras da modernidade brasileira, no livro de João Almino, são, na grande maioria das vezes, pastiches. No início se desenvolve sobre o discurso religioso e sobre o discurso da ciência na fala sobre a origem do mundo. Entretanto, seu verdadeiro objetivo é a arte e discurso sobre a arte.

É possível ainda sentir uma certa nostalgia do passado na composição da matéria narrada. A busca da personagem Íris da "Caverna do Alemão" é um exemplo dessa nostalgia que busca em lugares primitivos a alteração do presente e a possibilidade de encontrar ali a esperança para o futuro do homem. A caverna é talvez a habitação mais antiga do homem, assim que ele "desceu das árvores". Projetar nela o lugar de onde surgiria a futura humanidade é buscar o passado para constituir o futuro. A nostalgia, tal como a define Jameson, é outra das características com que têm se apresentado a pós-modernidade<sup>8</sup>.

Tomando, em **Idéias para Onde Passar o Fim do Mundo**, o que poderia ser lido como uma auto-definição temos na própria narrativa a afirmação de sua Modernidade:

Nunca há um fim para o Plano Piloto e a memória de cada pessoa que viveu ali difere da de qualquer outra. (IPOPFM, p.206)

Para Lyotard "uma obra não pode tornar-se moderna se não for primeiro pós-moderna"<sup>9</sup>. Se isso é verdadeiro então modernidade e pós-modernidade estão sempre juntas. Uma não termina para que a outra comece. "Nunca há um fim para o Plano Piloto", porque o plano piloto é o novo que se renova a cada dia. "Tem mais não".

## Notas

<sup>1</sup> Cf. SÁ REGO, Enylton José de. O Calundu e a Panacéia: Machado de Assis, A Sátira Menipéia e a Tradição Luciânica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989. p.19.

<sup>2</sup> ANDRADE, Mário de. Prefácio Interessantíssimo. In: Mário de Andrade. Seleção de Textos. São Paulo: Nova Cultural, 1988. p.115.

- <sup>3</sup> BANDEIRA, Manuel. Estrela da Manhã. In: Estrela da Vida Inteira, Rio de Janeiro: José Olympio, 1990. p.132.
- <sup>4</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. Alguma Poesia. In: Nova Reunião, I, Rio de Janeiro: José Olympio, 1983. p.15.
- <sup>5</sup> SANTIAGO, Silviano. O Narrador Pós-Moderno. In: Nas Malhas da Letra, São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p.41.
- <sup>6</sup> JAMESON, Fredric. Pós-modernidade e Sociedade de Consumo. In: Revista Novos Estudos, nº 12, 1985. p.17.
- <sup>7</sup> Idem, ibidem, p.19.
- <sup>8</sup> Idem, ibidem, p.20.
- <sup>9</sup> LYOTARD, Jean-François. O que é Pós-Moderno? In: Folha da Tarde, 07/10/1989.

#### Referências Bibliográficas

- ALMINO, João. **Idéias para Onde Passar o Fim do Mundo**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- ANDRADE, Mário de. **Macunaíma o Herói Sem Nenhum Caráter**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987.
- ASSIS, Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Ática, 1985.
- LISPECTOR, Clarice. **Perto do Coração Selvagem**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- QUEIROZ, Raquel de. **O Quinze**.
- RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. Rio de Janeiro: Record, 1986.
- ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

